

Niilismo, marcas nietzschianas na poesia de Fernando Pessoa

[Nihilism, Nietzschean marks in Fernando Pessoa's poetry]

João Francisco Pereira Nunes Junqueira*

MACHADO, Fabrício Fonseca (2023). *Fernando Pessoa, Nietzsche e o niilismo*. São Paulo: Editora Dialética. 260 pp. [ISBN: 978-65-252-7441-6].



Fruto de uma dissertação de mestrado, a obra *Fernando Pessoa, Nietzsche e o niilismo*, de Fabrício Fonseca Machado, foi publicada em 2023 pela Editora Dialética (SP) e concorreu como finalista ao Prêmio Jabuti Acadêmico de 2024. O autor é mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2021), com doutorado em andamento pela mesma instituição (previsão de conclusão em 2025). Embora o título do livro contenha apenas o “niilismo” como aspecto filosófico, a exposição do pensamento de Nietzsche e sua recepção na poesia pessoana – ponto fulcral da obra – vai além. O leitor terá em mãos não só uma apreciação do niilismo, desde suas origens até a proposta do pensador alemão, mas também uma análise de outras ideias filosóficas de Nietzsche, como

a afirmação da vida, a vontade de potência e o eterno retorno.

Além de uma introdução, a obra é dividida em três capítulos, que aproximam Fernando Pessoa da filosofia e, especificamente, da filosofia de Nietzsche. O primeiro capítulo, “Pessoa e Nietzsche: questões exordiais”, examina a relação de Pessoa com a filosofia – como leitor de Nietzsche – e também um histórico de estudos que associam Pessoa ao filósofo alemão. Este último ponto confere à pesquisa de Fabrício Fonseca Machado um caráter inovador, uma vez que, em seu entendimento, os estudos elencados, ainda que relevantes, não exploram com toda a riqueza potencial o aspecto do niilismo na poesia de Pessoa.

No segundo capítulo, “Nietzsche, o niilismo e a afirmação da vida”, o autor apresenta um verdadeiro panorama da filosofia de Nietzsche, desde suas origens, com foco no niilismo, passando por toda a obra do filósofo até culminar na vontade de potência e no eterno retorno. Nesse momento, Machado amplia a noção de niilismo como proposta de análise da obra pessoana, incorporando outros conceitos nietzschianos, a ponto de compreendermos que este capítulo adquire um valor próprio,

* Centro Universitário Teresa D’Ávila (UNIFATEA).

podendo ser lido como um compêndio da filosofia de Nietzsche. Expliquemos melhor: *Fernando Pessoa, Nietzsche e o niilismo* pode ser lido como dois livros independentes: um, composto pelos três capítulos interligando a obra de Pessoa com a de Nietzsche; outro, representado apenas por esse segundo capítulo, como uma excelente introdução ao pensamento do filósofo alemão.

Por fim, no capítulo “Niilismo e afirmação da vida em Fernando Pessoa: uma leitura à luz da filosofia de Nietzsche”, adentra-se na análise propriamente dita da poesia de Pessoa, tendo em vista a filosofia de Nietzsche. Este capítulo é dividido em quatro subitens, cada um reservado às quatro principais personas do heteronimismo pessoano: Pessoa ortônimo, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e o mestre Alberto Caeiro.

A sequência e o modo como os heterônimos são apresentados não são casuais. Ela segue uma linha que iconiza a filosofia nietzschiana, partindo do mais niilista – o Pessoa ortônimo – até chegar ao heterônimo mais próximo da ideia de vontade de potência e afirmação da vida, representado por Alberto Caeiro. Do mesmo modo, o ordenamento dos heterônimos segue a sequência proposta por José Augusto Seabra em *Fernando Pessoa ou o poetodrama* (1974), segundo a qual, do Pessoa ortônimo a Alberto Caeiro, há um deslocamento de um polo mais subjetivo para outro mais objetivo, na figura de Ricardo Reis e de Caeiro – este último considerado o amante da vida, livre de pensamentos e filosofias, ou adepto de uma filosofia que não crê em nada além da própria natureza. Um poeta livre de metafísicas e aquele que mais se aproximaria da vontade de potência – o ideal final de Nietzsche.

Um adendo à estrutura da obra merece destaque: as notas de rodapé que acompanham os três capítulos. A riqueza dessas notas impressiona. A apreciação da filosofia de Nietzsche e da poesia de Fernando Pessoa é minuciosamente tratada a partir dos principais críticos e pensadores sobre a obra de ambos. São poucas as páginas do livro que não as contêm, o que evidencia a gênese acadêmica do trabalho – uma dissertação de mestrado. Aqui, é possível dividir os futuros leitores em dois grupos: para um leitor com interesse acadêmico, estudioso da filosofia ou da literatura, ou com alguma afinidade temática, as notas serão um atrativo a mais, criando uma narrativa paralela que só enriquece a obra. Para o leitor médio, curioso, sem pretensões ou interesses acadêmicos, é possível que o excesso de notas interrompa um pouco o fluxo da leitura, pelas pausas frequentes que requerem. Ainda assim, para esse leitor, o texto principal é suficiente para a compreensão plena do trabalho.

Embora Nietzsche não tenha deixado uma obra específica sobre o niilismo, nunca se furtou a apresentar reflexões sobre temas afins, como o pessimismo, o Nirvana, o não ser (*Nichtsein*) e o nada (*Nichts*) (p. 83). O tema do niilismo pode ser rastreado em obras como *Aurora*, *A gaia ciência*, *Assim falava Zaratustra*, *Para além de bem e mal*, *Genealogia da moral* e *Crepúsculo dos ídolos*, assim como no *Fragmento de Lenzer-Heide*. Em *Fernando Pessoa, Nietzsche e o niilismo*, Machado rastreia cuidadosamente todo o percurso de Nietzsche em relação ao niilismo e, diante da complexidade do tema em

questão, nos brinda com uma bela metáfora retirada dos *Fragments Póstumos*: “O niilismo está à porta: de onde nos vem esse mais sinistro de todos os hóspedes?” (p. 84).

É a partir dessa conceituação do niilismo, que se expande para a vontade de potência e o eterno retorno, que Machado avança para o terceiro capítulo – o ponto nevralgico da obra, onde ocorre a intersecção entre os dois pensadores.

Num espaço curto como o que caracteriza uma resenha, optamos aqui, como convite ao leitor, por apresentar algumas conclusões do autor sobre cada um dos quatro heterônimos e suas relações com o niilismo.

Partindo do polo mais subjetivo, Pessoa ele mesmo – ou Pessoa ortônimo – é identificado por Machado como (p. 165):

[...] um niilista incompleto, primeiro, haja vista seguidamente enlear-se tanto ao platonismo como ao próprio pessimismo do século XIX; um niilista passivo, por vezes, visto deixar desaparecer, passivamente, o esgotamento das forças vitais e o cansaço do espírito. Não se trata, a nosso ver, de um niilista ativo, porque ele não reivindica a destruição de quaisquer valores antigos.

A próxima figura, ainda no campo da subjetividade, é Álvaro de Campos. Assim o caracteriza o autor em relação ao niilismo (p. 183):

[...] fora o período sensacionista, que, à vista da teoria das forças, tratou-se muito mais de um recurso provisório de conservação da vida, um autoengano, do que de uma tentativa consciente e profícua de afirmação [...] Álvaro de Campos [foi] um tipo flagrantemente niilista, sobretudo de natureza passiva.

Há que indicar em poemas como “Ode triunfal” e “Ode marítima” certo traço de niilismo ativo, no sentido nietzschiano, por parecer tudo querer queimar e destruir.

Já adentrando o polo objetivo de sua criação poética, mas ainda de forma incipiente, Pessoa cria o heterônimo Ricardo Reis, que, segundo Machado (p. 200):

[...] propõe-se a avançar, ainda que pouco, na tarefa de oferecer um contramovimento ao niilismo. [...] Se a predominância, no heterônimo, é de uma configuração de forças decadente, apática, seus preceitos, em contrapartida, concorrem de algum modo para aliviar o padecimento de existir.

Reis pode representar, sim, a tentativa de instaurar uma ordem e um ethos diante do caos. A ideia de *measure*, de contenção, de equilíbrio, que funcione como antídoto frente ao abismo niilista. No entanto, o próprio ideal apolíneo de Reis – seu hedonismo contido, sua negação da paixão, sua aceitação resignada da morte – pode ser interpretado como uma forma de niilismo mascarado de serenidade, ou, como Nietzsche diria, uma moral de rebanho travestida de nobreza.

Por fim, temos Alberto Caeiro, que, segundo Fernando Pessoa, é seu heterônimo mais bem realizado, por representar aquele que mais se distancia de sua subjetividade como homem concreto. Nele, Pessoa vê a construção objetiva de uma

arte limpa, pura, livre de quaisquer liames com o sujeito poético Fernando Pessoa. A conclusão de Machado é que Caeiro (p. 228):

[...] não cria novos valores, não é legislador de si mesmo. Ele simplesmente se anexa à natureza, destituído de sentido e de valor — uma espécie de *fuga mundi*, uma escapatória à dor de pensar. À vista de tais argumentos, portanto, é que, aos olhos de Nietzsche, não seria Alberto Caeiro um tipo amplamente preparado para a grandiosidade inerente à tarefa afirmativa.

Ou seja, o menos niilista dos heterônimos ainda não se configura como representante da vontade de potência ou da afirmação da vida, pois “O poeta bucólico, assim, resulta equiparado a um mero objeto do mundo natural, apático, uma vez que esvaziado, por completo, das riquezas do universo da cultura e do conhecimento” (p. 228).

Caeiro rejeita o *nihil*, porque afirma o que é: o mundo tal como se apresenta, sem transcendência, sem fundamento. Contudo, essa rejeição de sentido também pode ser lida, paradoxalmente, como uma forma de niilismo leve. Se tudo o que existe é o que se vê, e nada mais há além do visível, então a existência é plana, despida de qualquer profundidade simbólica. Para Nietzsche, a vontade de potência supõe criação de valores, e nesse ponto Caeiro pode parecer mais um abdicador do que um criador.

Por fim, fica o convite à leitura dessa obra instigante. *Fernando Pessoa, Nietzsche e o niilismo* renova o olhar sobre a produção crítica a respeito de Nietzsche e Pessoa, além de ampliar, com sua análise, as possibilidades de investigação da poesia do poeta português. Fabrício Fonseca Machado nos presenteia com uma imensa arca poética e filosófica: busque, leitor, deleitar-se com o filósofo poeta e o poeta filósofo.

JOÃO FRANCISCO PEREIRA NUNES JUNQUEIRA nasceu em 1980, em Lorena (SP), formou-se em História pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, campus de Lorena, em 2001, além disso, também se formou em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), em 2009. Por esta mesma instituição, defendeu a tese “Um biobibliografia literária de Péricles Eugênio da Silva Ramos”, em 2018. Atualmente é professor de disciplinas ligadas à Literatura no Centro Universitário Teresa D’Ávila (Unifatea), em Lorena. É Coordenador de Área do Pibid (Capes) pelo Unifatea, além de estar realizando pela Unesp uma pesquisa de pós-doutorado ligada à crítica literária do poeta paulista Péricles Eugênio da Silva Ramos.

JOÃO FRANCISCO PEREIRA NUNES JUNQUEIRA was born in 1980 in Lorena (São Paulo, Brazil). He earned a degree in History from the Salesian University Center of São Paulo, Lorena campus, in 2001. Additionally, he completed a degree in Literature at the Faculty of Sciences and Letters of Araraquara, part of São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), in 2009. At the same institution, he defended his dissertation titled *A Literary Bio-Bibliography of Péricles Eugênio da Silva Ramos* in 2018. He is currently a professor of Literature-related subjects at the Teresa D’Ávila University Center (Unifatea) in Lorena. He also serves as Area Coordinator for Pibid (a Capes program) at Unifatea and is conducting postdoctoral research at Unesp on literary criticism related to the São Paulo poet Péricles Eugênio da Silva Ramos.